
Do *Dasein* ao mundo: quadratura como explosão de si

From *Dasein* to the world: fourfold as an explosion of the self

DOI: 10.12957/ek.2021.55301

Maíra Mendes Clini¹

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

mairamc@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0001-7627-1657>

RESUMO

Partindo da noção heideggeriana de *quadratura*, esse artigo visa desconstruir cisões e dicotomias presentes no pensamento tradicional da psicologia, a saber, as noções de subjetividade e de objetividade, e na esteira desses termos, as noções de *indivíduo* e de *social*. No pensamento de Heidegger pós-viragem, encontramos noções contrárias ao antropocentrismo mais radicalmente do que nos escritos publicados próximos a *Ser e tempo*. A *quadratura* convoca para uma nova visão em relação ao mundo e ao ser humano, apresentando uma interrelação entre esses termos irremediavelmente uníssona. Somos os mortais da *quadratura*; mostraremos, porém, como a finitude que nos é constitutiva pode se mostrar como algo distante, quando nos tornamos meramente sujeitos. Para nos ajudar nessa caminhada, conclamamos a noção de *Coisa* no pensamento de Heidegger, que contribuirá para uma visão *des-encapsulada* do existir humano. Pensamos a alteridade contando com alusões ao pensamento heideggeriano, mas indo além dele, para contrapor a concepção individualista que se tornou hegemônica ao longo da tradição do pensamento ocidental. Através desse percurso, visamos debater a postura-almejada pela psicologia fenomenológica e hermenêutica.

Palavras-chave: Fenomenologia. Hermenêutica. Psicologia Clínica.

¹ Doutora em Psicologia Social pela USP. Docente na Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

ABSTRACT

Starting from the Heideggerian notion of *fourfold*, this article aims to deconstruct splits and dichotomies present in the traditional thought of psychology, namely, the notions of subjectivity and objectivity, and in the consequence of these terms, the notions of *individual* and *social*. In Heidegger's post-turning thought, we find notions contrary to anthropocentrism, more radically than the published writings next to *Being and time*. The *fourfold* calls for a new vision in relation to the world and to the human being, presenting an interrelation between these terms irremediably unanimous. We are the mortals of the *fourfold*; we will show, however, how the constitutive finitude can be shown as something distant, when we become merely subjects. To help us on this journey, we call on the notion of *Thing* in Heidegger's thought, which will contribute to an unencapsulated view of human existence. We think about otherness with allusions to Heideggerian thought, but going beyond it, to counter the individualist conception that has become hegemonic throughout the tradition of Western thought. Through this path, we aim to debate the posture-action desired by phenomenological and hermeneutic psychology.

Keywords: Phenomenology. Hermeneutics. Clinical psychology.

O pensamento de Martin Heidegger é emblemático por sua crítica à história da filosofia ocidental, caracterizada por ele como a história do esquecimento do ser. Segundo o autor, um dos graves frutos desse esquecimento – antigo e prolongado – é o nascimento do *sujeito moderno*. Ao nomear o existir humano como *Dasein*, Heidegger pretende muito mais do que uma simples mudança de nome: ele aponta para uma aproximação da nossa própria condição, aproximação esta que, no mais das vezes, não se dá. Somos *Dasein*, mas percebemos a nós mesmos como sujeitos reificados; percebemos o mundo que nos cerca como um mero conjunto de objetos dispostos diante de nós, prontos para nos servir. Somos *ser-com-os-outros*, mas percebemo-nos como indivíduos encapsulados e percebemos os outros como partes destacáveis de um todo indiferenciado. Há uma tensão no pensamento de Heidegger, pois o *Dasein* que todos e todas nós fundamentalmente somos ainda precisa ser por nós conquistado.

Na esteira dessa constatação, aquilo que chamamos de Psicologia Social está, no mais das vezes, impregnada por uma concepção dicotômica, que aparta o ser humano de

seu mundo. O fato de existir essa categoria – Psicologia Social – aponta para a existência de outras psicologias que não seriam sociais, ou seja, o social passa a ser uma opção, um adendo, um anexo. Assim, estamos inseridos nesse dilema, no qual podemos optar se olhamos ou não para o assim chamado social. Ao percorrer com afincado e cautela o caminho do pensamento de Heidegger, podemos compreender que já não cabe mais essa distinção, pois somos no mundo, somos o mundo, em *Ser e tempo* (2012c), e somos mortais habitantes da *quadratura*, no seu pensamento pós-viragem. O dito social é parte de nosso corpo. Ele está nas entranhas, atravessando os poros de nossa pele, reverberando através de nossos gestos, expandindo e recuando através da linguagem e da ação. Somos históricos, somos carne de mundo, recorrendo a uma alusão ao pensamento de Merleau-Ponty (2014). Somos tempo, espaço e verbo.

Apesar de Heidegger não ser afeito ao termo alteridade, podemos captar essa ideia em seu caminho de pensamento através de uma atenta leitura das entrelinhas de suas obras (DUARTE, 2002, p. 160). Propomos que essa ideia nos acompanhe como uma extrapolação do pensamento heideggeriano, como aquilo que nos arrasta para fora de nós mesmos e das nossas referências de familiaridade e de conforto. O ponto que queremos defender aqui é que, se tomarmos o pensamento de Heidegger como inspiração e alimento e não como um conjunto de conceitos ou algo a ser diretamente aplicado, podemos criar um modo de estarmos dispostos: sempre em busca da abertura que somos, sempre alertas para o mundo que somos, sempre empenhados em não nos fecharmos definitivamente em conclusões. Modo este que quer buscar a alteridade, que não se conforma em ser sujeito encapsulado, que quer caminhar em direção ao *Dasein* que ainda não somos. Na nossa visão, estudar Fenomenologia, constantemente, pode nos colocar a caminho de sustentarmos essa abertura que somos no mundo e, profissionalmente, carregar conosco essa tarefa de escuta aberta, pensamento aberto, postura disponível àquilo que não sou eu. *Ubuntu*, palavra presente em línguas africanas, nos diz: “sou porque somos”. O que não sou faz parte do que sou. Tão distante de nós está essa simples e bonita concepção.

Esse modo de olhar não quer se conformar com a dicotomia que separa indivíduo e sociedade, dicotomia esta que permite que se elucubre sobre o indivíduo ignorando seu mundo. Cultivar esse olhar implica levar a sério o nosso engajamento no mundo. Carregamos aquilo que chamamos de social em nós, apesar de escaparmos dessa constatação dia após dia. Engajar-me como mundo que sou implica me desengajar das

identidades estáticas que acredito ser. Engajamento refere-se a já estarmos imbricados com tudo o que nos rodeia, seja aquilo que é próximo ou distante de nós. Podemos considerar o engajamento “como ponto de partida e de chegada, que nos faria lembrar o lugar da origem e do exílio, para, num vigor rigoroso alcançar, a cada vez, o inatingível do movimento que somos nós junto aos outros, no mundo e temporalmente” (CLINI, 2018, p. 159). Buscar a alteridade implica descer do pedestal de sujeito, aninhar-se junto às coisas e aos outros e, assim, romper a cápsula de suposta proteção que nos afasta do mundo, logo, nos afasta da nossa própria condição. Engajamento é corporificar.

Acreditamos que essa disponibilidade e empenho possa ser um importante ponto de partida para irmos ao encontro daquilo que pode parecer ser, mas que não é familiar a nós. É isso que estamos chamando de alteridade. Essa postura nos parece algo básico, porém, imprescindível, para nos aproximarmos das realidades diversas e desiguais que um país como o nosso vive, por exemplo². O estudo da fenomenologia tem nos desafiado, ao longo dos anos, a nos abirmos para além de nós mesmos. Abrirmo-nos ao outro, como outro, respeitando o mistério que há na existência de alguém.

Podemos pensar em alteridade já em *Ser e tempo*, e elencamos, a título de exemplo, dois artigos que apontam caminhos nesse sentido: *A questão do outro em Heidegger*, de Benedito Nunes (2001), e *Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e tempo*, de André Duarte (2002). Ambos os textos rebatem críticas a um possível solipsismo existencial do *Dasein* resolutivo. Duarte, por exemplo, traça um caminho interessante ao defender que há um lastro de alteridade nas figuras da angústia e do chamado da consciência, mostrando como o *Dasein* carrega a alteridade em si, na feição de sua própria indeterminação.

Acreditamos, porém, que, pós viragem, haja um chamado ainda mais radical para a alteridade. Um bom exemplo de artigo que trata sobre isso é *Heidegger, história e alteridade: Sobre a essência da verdade como ponto de partida*, de Edgar Lyra (2006). Nesse artigo, o autor trabalha a diferença entre a história e a verdade do ser, relação esta que explicita a impossibilidade de uma compreensão taxativa ou definitiva dos acontecimentos humanos. Dessa abertura de compreensão, surge a possibilidade do erro,

² Há um movimento de pensamento e de ação dentro da psicologia fenomenológica e hermenêutica que se propõe a fazer um giro decolonial a partir dos autores clássicos da fenomenologia, aproximando as reflexões da realidade situada da América Latina em geral, e do Brasil, em específico. Ver Cabral, 2020.

o que Lyra chama de *errância*, que, por sua vez, possibilita o *desnorreamento* existencial. Lyra caminha por esses descaminhos de sentido para construir a ideia de alteridade.

Tomaremos um caminho diferente, aproximando-nos da alteridade que, a nosso ver, aparece na figura inconciliável da *quadratura*. Para caminharmos em direção a esse termo que parece ser hermético e inatingível, mas que, na verdade, é tão simples que chega a se esconder de nós, partiremos de algo que está sempre no meio de nós, que parece banal, porém, não cansa de ser tema de discussão e debate filosóficos. Tão elementar e medíocre, porém, tão misteriosa e incansável, trazemos para a nossa discussão: a coisa! Para chegarmos a ela (não pensem que já a temos), vamos passo a passo, caminhando junto com Heidegger através do registro de sua conferência de mesmo nome (*A coisa*), apresentada na Academia de Belas Artes da Baviera em 6 de junho de 1950.

As coisas podem nos sinalizar um primeiro e fundamental indício de alteridade. Loparic, em seu texto *Sobre a aniquilação da coisa* (2001), nos lembra que a filosofia inteira, antes de Heidegger, jamais tratou da coisa dignamente, pois a desprezou, incorporou-a como mero objeto subserviente ao sujeito soberano, idealizou-a, objetificou-a. Para que indaguemos por uma outra verdade, por um outro mundo, precisamos compreender que somos parte integrante de um todo complexo que Heidegger chama de *quadratura*. “Uma coisa vem a ser (...) na *roda-mundo* (*das Gering*) onde brincam, espelhando-se uns nos outros, a terra e o céu, os mortais e os divinos” (LOPARIC, 2001, p. 51). Pode parecer poético demais, abstrato demais e até mesmo esotérico em um primeiro contato. Lembramos, com Vattimo (1996), que “estas palavras poéticas furtam-se a uma plena clarificação conceitual; mas o fato de serem palavras poéticas já não pode agora significar um menor peso teórico, visto que é na poesia que acontece a verdade no seu sentido radical” (p. 138). Nesse sentido, abrir-se para o poetar pode atender ao convite de olhar para o óbvio de maneira pouco habitual. Perseguiremos a poesia que se mostra se escondendo, a cada vez, para caminharmos em direção à alteridade que buscamos. A arte, como bastião do ditado poético, pairará próxima às palavras de hoje, mas não estará no centro. A arte deixaria mais explícita a *quadratura*, mas não é privilégio dela habitar e consagrar o jogo de espelho dos quatro, do qual trataremos a seguir. Essa ressalva é importante para desmistificar a obra de arte como objeto transcendental, como ente privilegiado em si, como detentora de aura. O mistério

e a possibilidade de espanto estão em tudo o que há. Antes de irmos em direção à arte, é preciso dar um passo atrás e voltar às coisas mesmas (quaisquer que sejam), máxima da fenomenologia – tão óbvia e tão difícil de acessar.

Heidegger (2012a) nos pega pela mão e inicia seu caminho nos apresentando uma jarra. Partimos de algo simples para chegar em algo não menos simples. Ele descreve a jarra em sua serventia: “O ser coisa da jarra está em ser ela um receptáculo” (p. 146). Disso já sabemos todas e todos nós. Ele já aponta, porém, mesmo que inicialmente, para um aspecto desse receptáculo que nem sempre nos chama a atenção. O vazio é seu ponto máximo. Há paredes na jarra, há uma forma, há uma alça. Mas o que a caracteriza essencialmente é o vazio que ela abarca. “O ser coisa do receptáculo não reside, de forma alguma, na matéria, de que consta, mas no vazio, que recebe” (p. 147). O vazio recebe, na jarra, acolhendo e retendo. Porém, estes acolher e reter só se consumam na vaza, quando a jarra verte o líquido que antes resguardara. “O vazar da jarra é doar. É no doar da vaza que vige e vigora o recipiente do receptáculo” (p. 149). Através dessas palavras, mais poéticas do que explicativas, nos aproximamos da jarra de um modo simples, porém, diferente do que o fazemos no cotidiano, quando temos sede e a usamos sem prestar atenção nela. No entanto, o intuito de Heidegger não é apenas apontar para a *coisidade* da coisa. Ali há mais que serventia. A jarra vige na *quadratura*, assim como tudo o que há. Vejamos como Heidegger insere a jarra decisivamente na *quadratura*:

Na água doada, perdura a fonte. Na fonte perdura todo o conjunto das pedras e todo o adormecimento obscuro da terra, que recebe chuva e orvalho do céu. Na água da fonte, perduram as núpcias de céu e terra. As núpcias perduram no vinho que a fruta da vinha concede e no qual a força alimentadora da terra e o sol do céu se confiam um ao outro. Na doação da água, na doação do vinho perduram, cada vez, céu e terra (p. 150).

Céu e terra apresentam-se em comunhão na vigência da jarra, mas a *quadratura* ainda não está completa. Heidegger continua:

Na doação da vaza, no sentido de bebida, vivem, a seu modo, os mortais. Na doação da vaza, entendida como oferenda, vivem, a seu modo, os imortais, que recebem de volta, na doação da oferta, a doação da dádiva. Na doação da vaza, vivem, cada qual de modo diferente, os mortais e imortais. Na doação da vaza, vivem terra e céu. Na doação da vaza, vivem, *em conjunto*, terra e céu, mortais e imortais. Os quatro pertencem, a partir de sua união, a uma conjunção. Antecipando-se a todos os seres, eles se conjugam numa única quadratura de reunião (p. 150-151).

Nas palavras de Heidegger, reconhecemos os quatro presentes na *quadratura*, a saber, céu, terra, deuses e mortais. A doação da vaza oferta na medida em que deixa morar os quatro: “Na doação da vaza vive a simplicidade dos quatro” (p. 151). Alteridade é pensarmos o sentido da nossa habitação quando habitar não é meramente ocupar espaços. A morada da *quadratura* leva cada um dos quatro, sempre em tensa comunhão, à clareira do próprio de cada um. Habitar é um tema que está presente conosco, quer queiramos ou não. Assim, precisamos pensar o sentido da *quadratura* para podermos nos colocar a caminho de um habitar que acolha e resista, que não se deixe soterrar por completo pela produtividade e pela aceleração, tão características de nosso tempo. Um modo de caminharmos nessa direção, ainda inicial, porém, acessível, é pararmos para pensar o sentido da coisa. Pronto, estamos aqui de volta à nossa jarra, sem nunca termos saído de perto dela. A coisa coisifica, segundo Heidegger, quando reúne e conjuga em sua unidade as diferenças entre os quatro da *quadratura*. Há algo tenso e, ao mesmo tempo, harmonioso na coisa quando esta está coisificando. “Nesta coisificação da coisa, perduram terra e céu, mortais e imortais. Perdurando assim, a coisa leva os quatro, na distância própria de cada um, à proximidade recíproca de sua união” (p. 155).

Sabemos, porém, que nosso contato cotidiano com as coisas que nos cercam está longe de ser assim. Não deixamos a coisa coisificar. Como diz Heidegger, aquilo que é o mais próximo, muitas vezes se mostra como o mais distante. Nós somos herdeiros de uma tradição que deturpou a noção de coisa. A coisa virou objeto. Pronta para nos servir, a nós, que viramos, irremediavelmente, sujeitos. Enquanto as coisas forem objetos para nós, estaremos longe de nos conquistarmos como *Dasein*, estaremos aprisionados no invólucro que individualiza o existir humano na forma de sujeitos reificados. Sentimo-nos no controle de tudo, como se tudo estivesse à nossa disposição, porém, tanta suposta proximidade provoca o distanciamento abissal. Encurtar distâncias não é o mesmo que aproximar: “A proximidade vigente na *quadratura* aproxima o distante, sem violar-lhe e sim preservando-lhe a distância. Proximidade resguarda a distância” (p. 155).

Coisificando, a coisa celebra o jogo de espelho dos quatro, jogo este do qual participamos apenas como mortais, condição esta tão fundamental para nós quanto distante. Para o jogo de espelho dos quatro fluir, é preciso que terra, céu, deuses e mortais estejam em contato constante, celebrando a tensão que vigora na proximidade da diferença entre eles. Ora, se nós, que nos dedicamos agora a adentrar nas linhas desse

texto e que estamos transitando por toda parte, não chegamos a nos conquistar como mortais, como pode a *quadratura* continuar a girar? Há uma *falha no sistema*, e a má notícia é que essa falha somos nós. Como são os mortais para Heidegger? Vamos escutá-lo:

Os mortais são os homens [e as mulheres]. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte. (...) A morte é o escrínio do Nada, do que nunca, em nível algum, é algo que simplesmente é e está sendo. Ao contrário, o Nada está vigindo e em vigor, como o próprio ser. Escrínio do Nada, a morte é o resguardo do ser. Chamamos aqui de mortais os mortais - não por chegarem ao fim e finarem sua vida na terra, mas porque eles sabem a morte, como morte. Os homens são mortais antes de findar sua vida. Os mortais são mortais, por serem e vingarem, no resguardo do ser. São a referência vigente ao ser, como ser (p. 156).

Parece bonito e grave, mas tão distante de nossa concepção metafísica de nós mesmos. Percebemo-nos como animais racionais, como homens e mulheres montados em suas identidades pré-fabricadas, alojados em conceitos e explicações sobre nós mesmos e sobre nossas vidas. Somos sujeitos cartesianos, somos subjetividades freudianas, somos indivíduos enfileirados, somos tudo isso, mas ainda não somos mortais. Abandonamos a *quadratura* para nos fixarmos em um planeta que sugamos até não mais poder. Reificados como sujeitos, expulsamos os deuses e as deusas, exploramos a terra e poluímos o céu. Estragamos, a cada vez, mais e mais, a *quadratura*. Ao desafirmos a *quadratura*, criamos moradias que parecem nos proteger das ameaças do mundo, mas que acabam por, sutil ou descaradamente, nos aprisionar em uma clausura. Heidegger refere-se ao estar-encerrado do ser humano no mundo técnico-científico, no qual vigora o pensamento calculador, como uma clausura (HEIDEGGER, 1967, p. 12).

A *quadratura*, em contrapartida, instiga o encontro tenso e a unidade singular da união e do jogo de espelho dos quatro:

Iluminando cada um dos quatro, o refletir e espelhar lhes apropria a própria vigência, na apropriação de uma unidade recíproca. É refletindo de acordo com este modo de apropriação luminoso que cada um dos quatro combina e realiza um conjunto com os outros (HEIDEGGER, 2012a, p. 157).

Não há espaço para individualismo na vigência da *quadratura*. Há alteridade pura, pois cada um dos quatro carrega em si os outros três. Alteridade, aqui, é carregar o outro como estofado do meu corpo, naquilo que é diferente do familiar que se repete em mim.

A *quadratura* radicaliza o mundo de *Ser e tempo*, como afirmamos acima. Se o *Dasein* de *Ser e tempo* ainda era o *ser-no-mundo*, *ser-aí*, o *Dasein* da *quadratura* é *ser-*

o-aí (HEIDEGGER, 1991, p. 48). Não há mais mundo, mas sim mundanizar, celebrando o jogo de espelho dos quatro. Mundanizar não pode ser explicado, sob risco de perda total do mundo ele mesmo. “O querer explicar do homem não alcança a unidade simples da singularidade unitária do mundanizar. Ao serem representados, apenas, como um real particular, fundando-se e explicando-se um pelo outro, os quatro conjugados são sufocados em sua vigência essencial” (p. 157). Vivemos na época do sufocamento do mundo em nome da individualidade humana.

Para tentar resistir ao sufocamento e erigir um sopro de alteridade, voltemos à nossa jarra. Heidegger (2012a) afirma que, para deixar o mundo mundanizar, precisamos deixar a coisa ser coisa e, assim, devemos nos *coisar*: “Pensando, destarte, nós nos deixamos manejar pela vigência mundanizante da coisa. Tornamo-nos, então, no rigoroso sentido da palavra, ‘coisados’, isto é, condicionados pela coisa. Deixamos, então, para trás a pretensão de todo ‘incoisado’, isto é, de todo incondicionado pela coisa” (p. 158). Coisar-se é descer do castelo especulativo, é tornar-se, a cada vez, corpo, horizonte, história e comunidade.

Vivemos, porém, em pleno império da distância, época na qual concebemos a liberdade humana como a total autonomia em relação à coisa, pois nos acostumamos a contar com a soberania da nossa mente e com a postulação das coisas como objetos ao nosso dispor. Aniquilamos a coisa em nome da nossa subjetividade. Loparic (2001) nos ajuda a pensar sobre isso:

Assim como a aniquilação da coisa implica um perigo extremo para o ser humano, no salvamento da coisa são pensados não somente o salvamento do mundo da condição exclusiva de um estoque de materiais e um canteiro de obras, mas também e sobretudo a libertação do homem de um destino que o leva à robotização total (p. 53).

Perguntar pelas coisas, na chave da alteridade, é questionar sobre nossa própria condição de abertura e de clareira. As coisas não chegarão a nós enquanto estivermos assentados na mente representativa, tampouco nos sentimentos privatizados. Seria necessário, segundo Heidegger (2012b), fazer a travessia que nos tira do pensamento representacional e explicativo e nos coloca a caminho do pensamento do sentido. Não podemos fazer isso apenas partindo de um ato de vontade nosso. Essa travessia não se refere a apenas uma troca de posições. Na *quadratura*, nós não somos mais importantes que as coisas. Heidegger afirma que, para acessarmos a *quadratura*, precisamos lutar

contra nós próprios. Exemplificamos aqui essa luta, trazendo uma citação de Heidegger presente em *Hinos de Hölderlin* (2004). Neste texto, ele se refere à conquista do espaço poético na própria poesia. Podemos pensar, porém, que tal luta em direção à palavra poética pode se dar em qualquer gesto, inclusive nas nossas ações profissionais.

Mas só tal como o próprio poeta se torna o senhor e servo da poesia, a saber, por uma luta, é que ganhamos, para além do poema existente, o espaço da poesia. A luta pela poesia no poema é a luta contra nós próprios, na medida em que, na trivialidade quotidiana do ser-aí, estamos expulsos da poesia, estamos sentados na praia cegos, coxos e surdos, e não vemos nem ouvimos nem sentimos a ondulação do mar. No entanto, a luta contra nós próprios não significa de modo algum um olhar absorto sobre nós próprios, curioso e analisador da alma, nem uma repreensão moral contrita, antes tal luta contra nós é o trabalho de travessia do poema (p. 30).

Essa luta exige, paradoxalmente, uma aproximação sutil em relação a nossa condição, pois exige envolvimento com aquilo que nos rodeia. Como diz Ailton Krenak (2020), importante liderança indígena brasileira, “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (p. 24). A maneira de nos movimentarmos por esse caminho é dando um passo atrás. Penso que o caminho em direção à alteridade também exige que nos coloquemos, sempre e uma vez mais, a um passo atrás. Passo atrás é resistência, na medida em que se furta a continuar a corrida frenética em nome das mais diversas pseudo-conquistas individuais. Passo atrás é demorar-se junto à dúvida, é hesitar antes de afirmar, é escutar abertamente sem precisar responder antes de ouvir. É saber-se frágil, finito, vulnerável e permeável. Olhar para a coisa, com a dignidade inerente ao modo da *quadratura*, pode nos fazer lembrar daquilo que se retira incessantemente de nossa capacidade de apreensão. Rememorar o ser, como verbo, como abertura, pode nos indicar um caminho sem ponto de chegada, mas com tanto a se caminhar.

Para finalizar esse ensaio, sem cessar, porém, a caminhada, chamamos mais uma vez as palavras de Heidegger, dessa vez no posfácio da conferência *A coisa* (2012a):

Enquanto co-respondência, o pensamento do ser é uma causa muito errante e assim muito indigente. O pensamento talvez seja um caminho incontornável, que não pretende elevar-se a nenhum caminho de salvação e nem trazer uma nova sabedoria. O caminho pode ser, no máximo, caminho do campo, caminho que atravessa o campo, que não apenas fala de renúncia, mas que já renunciou à exigência de uma doutrina constrangente, de uma produção cultural válida ou de um ato do espírito. Tudo repousa no passo atrás, ele mesmo muito errante, em direção ao pensamento, que cuida da virada do esquecimento do ser, a qual se denuncia no destino de ser. O passo atrás, que se dá a partir do pensamento representador da metafísica, não rejeita esse pensamento, mas

entreabre a distância, que dá lugar ao apelo da verdade do ser, na qual se coloca e acontece o co-responder (p. 163).

Na atuação clínica do profissional de psicologia, sob perspectiva fenomenológica e hermenêutica, a postura-ação almejada diz respeito a um co-responder. Co-responder àquilo que não somos nós implica despir-nos das impregnações metafísicas que nos condicionam e nos direcionam à produtividade devastadora. Isso nunca acontecerá por completo, como um objetivo ou uma meta a serem alcançados. Esse gesto pode acontecer, ou não acontecer, a cada vez. Para abrir caminho para que esse modo de presença tome lugar, é preciso despojar-se, diuturnamente, dos procedimentos prévios, das posturas prontas, das expectativas por resultados específicos, da pressão por desempenho, bem como das convicções que nos tranquilizam enquanto sujeitos reinantes que teimamos ser. A escuta genuína exige silêncio. Mergulhar no horizonte de sentido do outro implica humildade para conter em si aquilo que não nos é familiar, implica coragem para digerir aquilo que nos é estranho. Lembremos o vazio da jarra: seu espaço de receptividade se abre como disponibilidade para acolher o que se mostra no encontro. O vazio recebe, retém, acolhe. Mas esses verbos só se consumam na vaza da jarra, no verter de volta ao mundo aquilo que respirou no seu espaço aberto. A postura-ação clínica de inspiração fenomenológica e hermenêutica solicita que deixemos reverberar aquilo que se desvela no espaço aberto entre paciente e terapeuta, para que ressoe de formas imprevisíveis para quem puder testemunhar.

Referências bibliográficas

CLINI, M. *Contemplações fenomenológicas entre arte e clínica*. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2018.

DUARTE, A. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e tempo. *Natureza humana*, São Paulo, 4 (1), p. 157-185, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

CABRAL, A. M. *Desidentidades e resistências*. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2020.

HEIDEGGER, M. A coisa. In: _____. *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2012a.

_____. 1967. *A proveniência da arte e a determinação do pensar* [Online]. Disponível em: [http://www.martinheidegger.net/Textos/html/Athenaer_Vortrag-Pt_fin\[1\].pdf](http://www.martinheidegger.net/Textos/html/Athenaer_Vortrag-Pt_fin[1].pdf). Acesso em: 09 setembro de 2012.

_____. Carta a Jean Beaufret. In: _____. *Carta sobre humanismo*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. Ciência e pensamento do sentido. In: _____. *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2012b.

_____. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodill. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012c.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LYRA, E. Heidegger, história e alteridade: sobre a essência da verdade como ponto de partida. *Natureza humana*, São Paulo, 8 (2), p. 337-356, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

LOPARIC, Z. Sobre a aniquilação da coisa. *Revista Cult*, São Paulo, 3(44), p. 50-54, mar. 2001.

MERLAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

NUNES, B. A questão do outro em Heidegger. *Natureza humana*, São Paulo, 3(1), p. 51-59, 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

VATTIMO, G. *Introdução a Heidegger*. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

Recebido em: 13/10/2020 | Aprovado em: 19/01/2021